

Sumário

APRESENTAÇÃO	7
PRIMEIRO EM TANTA COISA – Antônio Álvares Pereira Coruja	11
MALUCO PROVINCIAL, INVENTOR DE TALENTO – José Joaquim de Campos Leão, o Qorpo-Santo	22
COM SAUDADE DO JACA – Luiz Sérgio Metz	38
UMAS DO ANÍBAL – Aníbal Damasceno Ferreira	47
CORDIAL E BATALHADOR, FRATERNAL E INVENTIVO – Moacyr Scliar ...	52
O HOMEM QUE INVENTOU ZUMBI – Décio Freitas	56
O VALOR DA MEMÓRIA – Carlos Reverbel	62
O PATRIMÔNIO HISTÓRICO E UM LARANJA INESPERADO – Augusto Meyer.....	67
A MEMÓRIA DE OUTRO MODERNISMO – Theodemiros Tostes	73
HERDEIRO E INVENTOR – Caio Fernando Abreu.....	80
SEM ENCONTRAR O LEITOR – Paulo Hecker Filho	87
UM INTELLECTUAL PÚBLICO E REPUBLICANO – Raymundo Faoro.....	92
GRAMÁTICO, LINGUISTA, PROFESSOR – Celso Pedro Luft	97
O RETRATO – Oliveira Silveira	101
FALTEI AO ENCONTRO – Aparício Silva Rillo.....	103
A MORTE DE UM MISSIONÁRIO – Luiz Carlos Barbosa Lessa	105
IMIGRAÇÃO ALEMÃ E INTEGRAÇÃO SOCIAL – Clodomir Vianna Moog.....	109
ERICO VERISSIMO E A POLÍTICA – Erico Verissimo	117
LOUCO E MAL COMPREENDIDO – Dyonélio Machado	121
“O SENHOR CONHECE JOÃO PINTO DA SILVA?” – Guilhermino César	129
UM PROFESSOR NA HISTÓRIA – Joaquim Felizardo	132
UM PAYADOR INSUBMISSO – Jaime Caetano Braun	136

O ÚLTIMO POETA MAIOR MORREU – João Cabral de Melo Neto	139
UM LIBERTÁRIO PARADOXAL – Gilberto Freyre	144
REACIONÁRIO MAS AUTOCRÍTICO – Nelson Rodrigues	158
RESSENTIDO E TALENTOSO – Lima Barreto	165
UM INCÔMODO – Roberto Arlt	173
CADA VEZ MELHOR – Jorge Luis Borges.....	176
DUZENTOS ANOS – Edgar Allan Poe	181
O DIA IDEAL PARA O HOMEM-NARRADOR – Jerome David Salinger	186

Apresentação

Juntei aqui textos sobre escritores, intelectuais, professores que aprecio. Com vários deles pude ter em vida alguma relação sólida, para mim sempre proveitosa. São em geral textos que vim escrevendo ao longo do tempo, que aqui aparecem revistos, de vez em quando fundidos, reescritos, combinados. Originalmente, saíram na imprensa: a extinta *Bravo!*, a *Aplauso*, a *Superinteressante*, a *Brasileiros*, o jornal *Rascunho*, de Curitiba, a *Folha de S.Paulo* e a *Zero Hora*; alguns foram concebidos originalmente para figurar como prefácios de livros. Consta do livro apenas gente falecida, e apenas gente que eu li e leio com intensidade e gosto. Meu morto principal, porém, não está aqui: é meu irmão Sérgio Luís Fischer, falecido em 2006, aos 42 anos; dele tive a chance de editar os manuscritos, assim como depoimentos de amigos, no volume *Puro enquanto* (L&PM, 2010).

O título *Coruja, Qorpo-Santo e Jacaré*, bolado há muitos anos, tem para mim uma agradável cara de escalação de um meio de campo de qualidade, e isso não foi das menores motivações para eu conceber o livro. São três apelidos, de três escritores gaúchos, três figuras a que eu retorno sempre, por motivos variados. No conjunto, há muitos escritores gaúchos, em geral menos lidos do que mereciam, ao lado de conterrâneos brasileiros e de uns poucos oriundos de outras bandas.

Não constam aqui pelo menos dois escritores brasileiros que frequento já há décadas: Simões Lopes Neto e Machado de Assis. Também não aparecem aqui estrangeiros de

minha afeição, como Franz Kafka. Isso ocorre porque sobre eles tenho publicado estudos monográficos, a que remeto o eventual interessado. De Kafka escrevi uma apresentação de vida, contexto e obra, sumária mas espero que digna, no volume *Franz Kafka: Obras escolhidas*, da L&PM, que reúne parte substantiva de sua obra ficcional.

Dediquei a Simões Lopes Neto muitos anos de estudo, que nunca termina; na L&PM, publiquei uma edição anotada, com extenso estudo introdutório sobre vida e obra, dos *Contos gauchescos* e das *Lendas do Sul*. Tive também a grande honra de ser o responsável pelo preparo editorial de dois livros até então inéditos do grande escritor gaúcho: o volume *Terra gaúcha – Histórias de infância* e a cartilha escola *Artinha de leitura*, volumes ambos publicados pela editora Belas Letras.

De Machado com muito orgulho coordenei, também para a L&PM, a edição comentada de todos os seus romances, incluindo o menos conhecido volume chamado *Casa velha*; na abertura de cada exemplar o leitor encontrará um sumário de vida, obra e contexto, por mim elaborados. O mesmo Machado de Assis, ao lado do portenho Jorge Luis Borges, está no centro de um longo estudo que publiquei, pela editora Arquipélago, chamado *Machado e Borges*.

A ordem dos perfis começou com o trio do título, como não poderia deixar de ser. Depois, fui tentando armar pontes entre um e outro, às vezes por pertencerem à mesma geração, noutras por praticarem o mesmo gênero literário, mas também segundo afinidades mais sutis, que o leitor poderá descobrir. E tudo termina com um preito de gratidão a J. D. Salinger, escritor a quem devo muitos momentos de intensa felicidade.

Este livro nasceu para marcar a circunstância de ter eu sido escolhido para a honrosa condição de patrono da

59ª Feira do Livro de Porto Alegre. Para quem é sulino, não é preciso explicar o tamanho da honra; para quem não é, vale dizer que se trata da mais antiga feira de livro a céu aberto de todas as Américas, um ponto de referência para a vida literária do estado gaúcho, uma marca que a cidade carrega com grande orgulho.

O livro é dedicado à Dodó e ao Benjamim, meus filhos, e à Julia, minha companheira de vida.

Porto Alegre, novembro de 2013.

Primeiro em tanta coisa

ANTÔNIO ÁLVARES PEREIRA CORUJA

(PORTO ALEGRE, RS, 1806 – RIO DE JANEIRO, RJ, 1889)

Primeiro depositante na Caixa Econômica Federal, primeiro brasileiro a escrever uma gramática para ensino – e com o topete nacionalista de chamá-la *Compêndio de gramática da língua nacional, não Portuguesa* –, primeiro dialetologista do Brasil (*Coleção de vocábulos e frases usados na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, naturalmente sua terra natal), primeiro historiador gaúcho, certamente um dos primeiros professores redatores de livros didáticos no país, com um olho no ensino e outro no mercado, pioneiro no uso do método Lancaster de “ensino mútuo”. Não é pouco para uma mesma vida.

Especialmente para um sujeito nascido em humildes condições, numa cidade ainda aldeã de uma colônia portuguesa. Antônio Álvares Pereira – o “Coruja” entra mais tarde nesta história – nasceu em 30 de agosto de 1806, em Porto Alegre, aglomeração de poucas décadas de vida e umas 5 mil almas. Era o tempo do Brasil colônia, era sua província mais meridional, aquela que sustentava a fronteira com o império espanhol, e era a acanhada capital da província, pouco mais que um punhado de ruas, alguma administração e certa presença militar.

Seus modestos pais, Pedro José Álvares de Souza Guimarães e Felícia Maria da Silva, imaginavam para o filho a carreira eclesiástica, daí o esforço para que o menino tivesse boas letras, primeiro com certa Maria Josefa, dada como poetisa, e depois com um Antônio D’Ávila, popularmente

conhecido como Amansa-Burros. Aprendeu a ajudar missa com o padre Sanhudo. A seguir, a partir de 1816, cursa Latim com o padre Tomé Luís de Souza, de quem será sacristão e que parece ter descoberto no aluno a vocação para o magistério; depois ainda, a partir de 1821, vai estudar o que na época se chamava Filosofia Moral e Racional (misto de filosofia, teologia e alguma matemática) com outro padre, João de Santa Bárbara. É certo que também aprendeu o Francês e estudou Canto na mesma altura, com colegas mais adiantados e mais velhos da aula de Latim.

De seus colegas de classe, um alcançaria nomeada no país: tratava-se de certo órfão vocacionado para a pintura, de batismo chamado Manoel José D'Araújo, que quando saiu de Porto Alegre para estudar na Corte mudou seu nome para Manoel de Araújo Pitangueira, por influência de um político local, extremado de nacionalismo antilusitano, como aconteceu muito no momento da Independência. No Rio, as cartas de recomendação que levou não significaram nada, o que levou nosso Manoel, já agora Pitangueira, a procurar a proteção do senador Soledade, gaúcho também, que o acolheu; ocorre que o senador era opositor daquele Pitangueira, e tal foi motivo bastante para nosso Manoel abandonar o sobrenome de árvore e passar a assinar com o nome pelo qual ficaria conhecido no futuro, Manoel de Araújo Porto Alegre, poeta, caricaturista de mão cheia e principalmente pintor, que seria agraciado pelo Imperador com o título de Barão de Santo Ângelo, santo que dava nome não à cidade mas à ruazinha em que nascera, em Rio Pardo.

Isso e muito mais conta o próprio Antônio, em uma série de reminiscências saborosas que ele chamou *Antigualhas*, misto de crônica da cidade natal, memórias pessoais e comentários bem-humorados sobre todo assunto. Conta, por exemplo, que na aula do padre Tomé recebeu o apelido que ele mesmo agregaria a seu nome, oficialmente, com o correr

dos anos. O caso é que seus pais, para a ocasião da entrada de Antônio na prestigiosa aula de Latim do padre, haviam mandado fazer-lhe uma roupa de pano simples, “cor de pele do diabo ou cor de burro quando foge”; entra o menino na sala, e um colega mais velho (partilhavam da mesma sala vários estágios de aprendizado) diz, em voz alta: “Olhem, parece mesmo uma coruja”. Antônio era narigudo e feio.

A carreira eclesiástica não prosperou, e já antes dos vinte anos vamos encontrá-lo professor primário particular em sua cidade. Espírito curioso, solicitou ao governo provincial uma espécie de bolsa de estudos para ir ao Rio de Janeiro aprender a grande novidade pedagógica da época, o Método Lancaster. É atendido, passa dez meses na Corte e nos começos de 1827 volta à sua cidade para abrir uma escola de primeiras letras regulada pelas ideias de Joseph Lancaster, pedagogo inglês (1778-1838) que desenvolveu um sistema de ensino massivo de grande interesse para países ou populações pobres (o grande líder latino-americano Simón Bolívar o convidou a ir à Venezuela, em 1825, onde Lancaster treinou vários professores).

Trata-se de um método segundo o qual um mesmo professor atende a várias dezenas de alunos, dispostos em filas, cada uma das quais encabeçada por uma espécie de monitor, que repassa os exercícios com os demais alunos daquele grupo. Assim é que um mesmo professor pode dar conta de várias e distintas etapas de aprendizado – naturalmente com alguma superficialidade, muita memorização, pouca criatividade, e sempre sob severa disciplina. A vantagem grande é apenas uma: oferecer um mínimo de conhecimento a muitos, simultaneamente. Para dar uma ideia da força do método entre nós, basta dizer que no Rio Grande do Sul, logo nos primeiros anos da República, as orientações deixadas por Coruja décadas antes foram seguidas de perto,

dando origem a um dos mais bem sucedidos sistemas de ensino público em nosso país.

Sua carreira de professor só fazia prosperar – inicia como professor primário e em 31 conquista a cátedra de Latim no ensino público –, e começaram a surgir suas primeiras contribuições escritas. Militou no jornalismo provincial, escreveu sua Gramática e a publicou em 1835, um ano depois de haver sido eleito suplente de deputado estadual. Nesta altura, casa com Catarina Lopes, que havia sido sua aluna e se tornara também professora pública. Em 1834 o casal adota um menino abandonado – “exposto”, como se dizia na época, na abominável mas afinal eficiente “roda dos expostos” que havia em toda grande cidade brasileira, junto às Santas Casas –, que será batizado com o nome de Antônio Álvares Pereira Coruja Filho.

Quem diz 1835 no Rio Grande do Sul está dizendo coisa grave. Como se sabe, é o ano da eclosão do movimento rebelde conhecido como Guerra dos Farrapos, intenso conflito armado que cinde ao meio a província, fundamentalmente em torno de uma única questão, encarada por apenas dois ângulos: o tema era a economia pecuária e o charque, e as duas posições eram, uma, contra o modo como o governo central tratava esta província, e a outra, a segunda, era *radicalmente* contra o modo negligente como o governo central brasileiro tratava os criadores e charqueadores sulinos, que queriam privilégio de colocação de seu produto no mercado nacional, especialmente o Rio de Janeiro produtor de café, mas recebiam um tratamento duro, de vez que o governo abria as portas ao charque uruguaio, produzido de forma mais moderna (incluindo a máquina a vapor) e com resultado mais barato (no vizinho país a mão de obra era assalariada, e não escrava, o que faz toda a diferença numa economia sazonal como é a pecuária); essa posição radical foi à guerra

e proclamou a República do Piratini por isso, ao passo que a outra posição era apenas contra, preferiu negociar.

Todo o conflito se desencadeou de uma questão aparentemente menor, a posse de um novo governador, que vinha do centro do país e parecia apenas confirmar a subordinação da província. Daí por que uma parte da Assembleia resolveu postergar a posse. Nessa parte estava Coruja, que não era charqueador nem fazendeiro mas professava fé liberal, nesta altura já como deputado efetivo, e logo depois Primeiro-Secretário da Casa. Sua atuação política, de resto, não é muito clara, salvo por alguns projetos ligados ao mundo de ensino, com definições de diretrizes para escolas públicas e a sugestão do ensino mútuo, em que era versado. Seus conterrâneos pósteros não sabem, mas foi um projeto seu que consagrou a data de 20 de setembro como festa estadual – é a data máxima da identidade gaúcha, cada vez mais celebrada.

Um contemporâneo de Coruja diz que ele “viu-se envolvido” na rebelião, ao passo que outro afirma que nosso professor e gramático era um dos mais engajados oradores e agitadores do momento – é certo que ficou como suplente de deputado na eleição de 34, vindo a assumir titularidade em dezembro de 35. De todo modo, é certo que, tão logo Porto Alegre foi retomada pelos então chamados “imperialistas” ou “caramurus” – os favoráveis ao entendimento com o governo central, opostos aos rebeldes “farroupilhas” –, ele foi preso e permaneceu alguns meses nessa condição.

Tudo sopesado, Coruja resolve mudar-se para o Rio de Janeiro no começo de 1837, para poder viver em paz, que certamente não conseguiria em Porto Alegre, onde seria por muito tempo marcado por aquela opção política. (Uma fonte afirma que a viagem foi determinada à sua revelia.) Na Corte, passará o resto de sua longa vida – viria a falecer apenas em 1889 –, e sempre de maneira operosa. Já em 1839, depois de ser anistiado por decreto e de recobrar a posição

de professor público, será sócio fundador do prestigioso Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, assim como ajudará a organizar outras associações, uma delas de vida longuíssima (ainda existe), a Sociedade Rio-Grandense Beneficente e Humanitária.

Mais ainda, em 1841 fundará sua própria escola, o Liceu de Minerva, estabelecimento que chega a ter, nos anos seguintes, externato e internato, primeiras letras, preparatórios para todas as academias e universidades existentes e uma aula pública de filosofia, que parece ter tido alguma fama. Produz sua obra didática: sua *Gramática*, de 35, tem várias edições; em 38 publica *Manual dos estudantes de Latim*; em 48 sai a primeira edição de outra obra famosa, o *Compêndio de ortografia da língua nacional*, e em 1850 sai a *Aritmética para meninos*. Todas elas obras de larga circulação. O ano de 1856 marca o apogeu da trajetória ascendente do professor provinciano: publica a *Coleção de vocábulos e frases usados na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, edição feita em Londres, e transfere seu bem-sucedido colégio a outro professor. Mais de três décadas de docência terminavam aí. Mas sua atividade gregária permaneceria ainda por muito tempo.

Daí por diante, porém, sua vida começa a conhecer tropeços. Três associações em que entra, ligadas ao mundo financeiro, consumirão suas economias, que não deveriam ser poucas. Em 1860 associa-se para fundar a Companhia de Seguros Feliz Lembrança; em 1872, consorcia-se com certo capitalista em empreendimento bancário; e finalmente em 1879, apesar de tudo, funda a Sociedade Glória do Lavradio, instituição bancária também, na qual o velho professor apostou todas as restantes economias. Tudo desanda; a última das falências ocorre em 1880, quando Coruja conta já 74 anos. Aparentemente, foi traído por sua boa-fé, aliada à

inexperiência em matéria comercial e bancária, e por amigos inescrupulosos.

Sobrava a família como refúgio, claro. Mas sua esposa vem a falecer precisamente em 1880, encerrando outro ciclo em sua vida. Pelo depoimento de contemporâneos, os dois mantiveram relação de grande companheirismo até o fim. No ano seguinte, já vivendo em casa de seu filho – o professor não ficou com nenhuma propriedade sua após aquelas aventuras mal sucedidas –, faz publicar um conjunto de textos de memórias sobre sua cidade natal, as já mencionadas *Antigualhas*, calorosa declaração de saudades e de amor por seu berço e por seu passado. O filho, graças ao empenho de seus pais adotivos, tinha alcançado uma carreira de relativo sucesso como funcionário público no Rio de Janeiro.

As *Antigualhas* foram editadas nos anos 1880, de forma um tanto desparelha, uma parte inicial sozinha, em folheto, depois outras partes no *Anuário da Província do Rio Grande do Sul*, de Graciano Azambuja. No século XX, houve algumas reedições parciais, até que Sérgio da Costa Franco tomou a peito a organização do material, que resultou num volume único, lançado em 1981, material ao qual se acrescentou mais texto ainda para a edição de 1994, pela Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre, pelo mesmo e valoroso organizador e anotador.

Mas o que importa mesmo é o valor das *Antigualhas*. Livro de memórias, escritas em forma livre, cronística, por um velho professor, decerto saudoso de sua velha cidade natal, ali temos esclarecimentos preciosos sobre, por exemplo, a origem de tantos nomes de ruas e localidades da cidade – para ficar com um exemplo notável, foi Coruja quem esclareceu que a região conhecida como Alto da Bronze (assim mesmo, “da” Bronze, e não “do”) deve seu nome a certa senhora, que tinha o que os antigos chamavam de “vida airada”, e que, segundo Coruja, tinha “*não sei quê* de bronze”. Assim como

esse, são vários os casos de relatos saborosos, apontando para uma velha aldeia que o escritor repassa, com gosto. Como anota Sérgio da Costa Franco, a Porto Alegre em que viveu o jovem Coruja teria, por volta de 1830, uns 12 mil habitantes; mas a Porto Alegre que leu, nos anos 1880, as reminiscências do cronista, teria mais de 40 mil.

A fase de relativa calma na vida do autor, porém, viria a acabar. Em 1888 morre Coruja Filho, mesmo ano em que o pai publica sua última obra destacada, o *Ano Histórico Sul-Rio-Grandense*, coleção de fatos relevantes na história da província sulina organizada em forma de calendário. Chama a atenção a folha de rosto da publicação, feita no Rio pela “Typographia de José Dias de Oliveira, à Rua do Ouvidor, 141”: nela consta um rol de obras – livros, mas também folhas pautadas para caligrafia e apostilas de menor elaboração – que são vendidas em três livrarias, cujo endereço é mencionado, e em casa do autor. Mesmo considerando ser relativamente normal, à época, o anúncio de livros e publicações em geral, o aspecto da listagem dá a nítida impressão de urgência, de necessidade. Como se o velho e agora falido professor precisasse muito de algum dinheiro para seus últimos dias.

Dias que serão pavorosos. Após a morte do filho, Coruja não tem, literalmente, onde dormir. Havia entregue tudo aos credores, e para seu infortúnio sobrevivera à esposa e ao filho. Nem as vendas que conseguisse fazer o livrariam da miséria, que o aguardava nos últimos meses de sua impressionante vida. Precisou hospedar-se em repúblicas de estudantes, parece que sendo considerado um estorvo. O mesmo professor que terá tratado generosamente várias gerações de alunos termina seus dias na condição de trambolho, para estudantes que – não é absurdo especular – seriam filhos ou netos de ex-alunos seus. Coruja morre no Rio de Janeiro a 4 de agosto de 1889.